



**A GUERRA DO PARAGUAI NA HISTORIOGRAFIA NACIONAL E REGIONAL:
UM PARADIGMA DE PESQUISA HISTÓRICA NO PIAUÍ**

**THE WAR WITH PARAGUAY IN NATIONAL AND REGIONAL
HISTORIOGRAPHY: A PARADIGM OF HISTORICAL RESEARCH IN PIAUÍ**

Johny Santana Araújo*

Doutor em História Social/Universidade Federal Fluminense
Professor da Universidade Federal do Piauí
E-mail: johny@oi.com.br
Picos, Piauí, Brasil

*Endereço: Johny Santana Araújo
Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. Rua Cicero Eduardo, S/N, Junco,
CEP: 64600-000, Picos/PI, Brasil.

Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho

Artigo recebido em 10/02/2013. Última versão recebida em 01/03/2013. Aprovado em 02/03/2013.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a historiografia sobre a Guerra do Paraguai a partir da interlocução da historiografia nacional e regional (entende-se a historiografia piauiense). Pretendemos dessa maneira, de forma concisa, expor as diferentes perspectivas abordadas sobre o conflito, mostrar como foi interpretada pelo conhecimento histórico em diferentes períodos. Num primeiro momento, a leitura sobre a guerra dá-se a partir de uma perspectiva positivista; em seguida, o viés revisionista e então os novos afluxos oriundos da nova história política e militar. Finalmente será mostrado como a historiografia piauiense trabalhou o tema no passado recente.

Palavras-chave: Piauí; guerra do Paraguai; historiografia.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the historiography of the War of Paraguay from the dialogue of national historiography and regional (means historiography Piauí). We intend this manner, concisely exposing addressed deferent perspectives on the conflict, showing how it has been interpreted by the historical knowledge in different periods. At first, reading about war from a positivist perspective, then the bias revisionist and then from new inflows arising from the new political and military history. Finally we will show how the historiography piauiense worked the theme in the recent past.

Key words: Piauí; war of Paraguay; historiography.

INTRODUÇÃO

Em 1999, quando cursava História¹, algo nos inquietava: compreender o que significavam os Corpos de Voluntários da Pátria, como se deu sua formação, que condicionantes havia para fazer aqueles homens voluntários, se eram mesmo voluntários e se existia uma ideia de voluntariado em um Estado Nacional, cuja sociedade admitia a escravidão como legítima e, por fim, qual a atuação deles na Guerra do Paraguai.²

No que tange à produção historiográfica do conflito, muitos trabalhos foram escritos a respeito da Guerra da Tríplice Aliança, ou Guerra do Paraguai. Fazia pouco tempo que dentro da academia, especialmente nos grandes centros urbanos, começaram a surgir novas pesquisas que colocaram abaixo antigas teorias sobre o conflito.

Porém, a produção historiográfica sobre a guerra do Paraguai não é nova e muitos trabalhos foram elaborados a partir das mais diferentes perspectivas. Dentre eles, narrativas construídas por contemporâneos da guerra.³ Além de serem trabalhos de caráter político, diplomático e militar, produzidos entre a década de 20 e 60 do século XX, estes em grande parte compunham uma historiografia oficial com a predominância do positivismo como análise.⁴

No Brasil, a partir da década de 60 até fins da década de 70, passou a predominar uma historiografia revisionista, cuja tese principal apontava a influência do capital da Inglaterra na conjuntura da guerra. São os principais defensores dessa tese os pesquisadores, Júlio José Chiavenatto e Leon Pomer,⁵ que esvaziaram a discussão da formação dos estados nacionais como um processo próprio dos países envolvidos no conflito. Tal versão de certa maneira tornou reducionista a problemática, o que de certa forma prejudicou qualquer outra interpretação da guerra que não fosse a premissa do envolvimento inglês.

De uma maneira geral, os centros de pesquisa na década de 60 do século XX revelaram-se centros de resistência política ao governo militar, tendo como cerne de teoria as discussões

¹ História Bacharelado na Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

² ARAÚJO, Johny S. *A nação em armas: Os corpos de voluntários da pátria do Maranhão na guerra do Paraguai. 1865 – 1870*. Rio de Janeiro: Sotese. 2005. p. 36.

³ CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da Campanha do Paraguai (1865-1870)*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980. TAUNAY, Alfredo D. *Memórias*. São Paulo: Edições Melhoramento, 1946.

⁴ FRAGOSO, Augusto T. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. 2 ed., Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1956, v. 1-5

⁵ CHIAVENATTO, Júlio J. *Genocídio Americano: A guerra do Paraguai*. 23 ed., São Paulo: Brasiliense, 1998; POMER, Leon. *A Guerra do Paraguai. A grande tragédia rioplatense*, São Paulo: Global., 1980.

centradas no Marxismo. A maioria dos modelos de análise subverteu a teoria, empobrecendo a discussão, tornando-a panfletária e, por consequência, arma de crítica ao regime.⁶

No início da década de 90 houve uma modificação no paradigma de análise do processo de pesquisa, cuja leitura e acesso a novas fontes e a releitura de outras proporcionaram o surgimento de uma historiografia renovada sobre o tema. A partir da discussão levantada por Francisco Doratioto, autor de *O Conflito do Paraguai: A grande guerra do Brasil*, e a obra mais completa já escrita sobre o conflito, o livro: *Maldita Guerra*, do mesmo autor, têm possibilitado uma abordagem ampliada sobre a guerra, analisando questões diplomáticas, políticas, sociais e econômicas.⁷

Dentre as discussões historiográficas sobre o conflito, é possível destacar ainda a importante pesquisa do historiador Jorge Prata de Sousa sobre o recrutamento para a guerra do Paraguai.

O trabalho de Jorge Prata também é caracterizado pela intensa crítica à historiografia tradicional sobre a guerra, pois o autor procurou analisar como havia ocorrido o processo de recrutamento, na Província do Rio de Janeiro e na Corte, concentrando seus estudos a partir da ideia do recrutamento de escravos e libertos, segundo uma de suas afirmações: “A classe dirigente tinha consciência de que o passo seguinte seria a promoção de escravos a libertos, além dos possíveis alistamentos de escravos sem o consentimento dos proprietários”.⁸

Outro referencial de grande importância tem sido Ricardo Salles, autor de *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército*,⁹ cuja leitura permite compreender como se deu o processo de formação dos voluntários da pátria, numa abordagem através da história vista de baixo.¹⁰ O seu trabalho em muito desconstrói o mito lançado pela corrente revisionista de que os voluntários eram escravos forçados a lutar na Guerra, mito do qual Chiavenatto trabalhou para se tornar verdade velada.

E finalmente o trabalho de Vitor Izecksohn, *O cerne da discórdia: a Guerra do Paraguai e o núcleo profissional do Exército*, publicado em meados de 2002, trabalho em que traça o

⁶ ARAÚJO, Johny Santana de; LIMA, Frederico Osanan Amorim (Orgs.). *História: entre fontes, metodologias e pesquisa*. Teresina, PI: EDUFPI; Imperatriz, MA: Ética, 2011. p 28.

⁷ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: Nova História Da Guerra Do Paraguai*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2002. _____, *O Conflito do Paraguai: A grande guerra do Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

⁸ SOUSA, Jorge Prata de. *Escravidão ou Morte: os escravos brasileiros na guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro. Mauad. ADESA. 1996. p. 47.

⁹ SALLES, Ricardo. *Escravidão e Cidadania na Guerra do Paraguai*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

¹⁰ Perspectiva de compreender a história a partir dos considerados marginalizados é emblemática nos trabalhos de E. P. Thompson, George Rude e Raymond Williams.

perfil do núcleo de oficiais brasileiros para além dos problemas ligados à construção do próprio Exército para a campanha contra o Paraguai.¹¹

PARA UMA PESQUISA MAIS PROFUNDA

Uma etapa seguinte que destacamos se constitui numa breve observação sobre o corpo documental, referente ao conflito, que para surpresa tem sido pouco utilizado, encontrando-se por vezes somente higienizado nos nossos arquivos públicos estaduais ou no Arquivo Nacional. Muitas vezes sem nunca haver sido tocado, um comentário que consideramos de suma importância, refere-se à possibilidade de trabalhar com fontes hemerográficas que se encontram micro-filmadas em alguns dos mais importantes centros de documentação e bibliotecas como a Biblioteca Nacional.

Atualmente no Piauí há um sério problema quanto à disponibilidade da documentação hemerográfica que infelizmente se encontra indisponível para pesquisa, nesse caso trata-se dos documentos físicos, exceção feita à documentação microfilmada e digitalizada que está em processo de disponibilização.

Existe também uma rica documentação oficial disponível nos arquivos eletrônicos, localizados na Internet, sobretudo a que foi digitalizada pela Universidade de Chicago, em parceria com a Fundação Andrew W. Mellon, dando origem ao projeto denominado: *Brazilian Government Document Digitization Project*. No Brasil já é possível ter acesso a um conjunto muito maior de fontes, como os documentos disponibilizados pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal, além das Coleções de Leis do Império, também disponíveis no site do Congresso Nacional.

No Arquivo do Senado Federal de igual forma é possível a consulta *on-line* aos Anais e Diários do período da guerra, além das Atas do Conselho de Estado Pleno. As referidas atas são documentos de grande importância, pois nos mostram como foram formuladas as discussões e as deliberações por parte dos conselheiros no período do Império, e muitas decisões a respeito do conflito foram tomadas em reuniões do Conselho de Estado Pleno, que atuava como um órgão de consultoria ao imperador e, via de regra, considerado imparcial e livre das disputas político-partidárias inerentes às duas câmaras.

¹¹ IZECKSOHN, Vitor. *O cerne da discórdia: a Guerra do Paraguai e o núcleo profissional do Exército*. Rio de Janeiro: E-papers, 2002.

No mesmo arquivo do Senado Federal é possível ainda encontrar os Anais do Senado, cujas discussões a respeito da guerra também fizeram parte do universo de debates daquela casa, todas as discussões relativas ao assunto podem ser encontradas *on line*.

No arquivo da Câmara dos Deputados, foi disponibilizado o acervo referente ao Império, que inclui os Anais e Diários da Câmara dos Deputados. E, finalmente, a Coleção de Leis Brasileiras do período do Império, Índice dos Atos do Poder Executivo, Leis e Decretos, todos com possibilidade de consulta *on line*.

Destacamos igualmente as bibliotecas do Senado, a Brasileira da USP e a Brasileira da UFRJ, que juntas disponibilizam uma série de publicações que podem ser baixadas ou consultadas, nesse caso via suporte *on line* da UFRJ. Existe ainda o vasto acervo disponibilizado pelo governo Federal através do *site* Domínio Público, onde se encontram inclusive imagens.

Por fim, apresentamos como referência o acervo *on line* da Biblioteca Nacional, o acervo *on line* da Fundação Joaquim Nabuco, em Pernambuco; do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e do Instituto do Ceará, os dois institutos disponibilizaram todos os volumes para consulta de suas revistas, no caso do IHGB algumas revistas são do período da guerra.

PARA UMA REFLEXÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA

Dentro de uma perspectiva mais específica, procuraremos agora nos centrar em outro aspecto, os estudos sobre a Guerra do Paraguai, tomando resumidamente como modelo as diferentes abordagens ao longo das décadas e a partir de diferentes perspectivas historiográficas.

Historiadores como José Murilo de Carvalho acreditam que “A Guerra do Paraguai foi o fator mais importante na construção da identidade brasileira no século XIX. Superou até mesmo as proclamações da Independência e da República.”¹²

Para políticos, escritores e historiadores da época, muitos deles ligados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB -, a guerra teve uma importância decisiva para o destino do Brasil. Segundo as palavras de Joaquim Nabuco, ela pode ser vista naquele momento como um “[...] divisor de águas da história contemporânea”.¹³

¹² CARVALHO, José Murilo de. Brasileiros, Uni-vos In: *Pontos e bordados*. Escritos de História e Política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 332.

¹³ NABUCO, Joaquim. *Um estadista do Império*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

Sílvio Romero procurou fazer uma síntese da guerra como fator de despertar da nação ao afirmar que,

A gente ousada, produzida por mundo virgem, acordava, ao som da guerra, para enorme banquete de ferro e fogo !... E fomos e avançamos e vencemos, Era a primeira vez que atrairíamos sobre nós a atenção do mundo, ferindo batalhas e praticando feitos que podem ser constatados como os mais brilhantes do século XIX.¹⁴

Rui Barbosa, em um de seus discursos, destacou o aspecto fundador da guerra do Paraguai para o Exército brasileiro, e que este seria um marco de referência fundamental para as futuras gerações de oficiais.¹⁵

Para um dos participantes do conflito, o oficial prussiano Max von Versen, que atuando como observador ao lado dos paraguaios, indicou “[...] a declaração de guerra, assim como a notícia de invasão do Mato Grosso acordaram pela primeira vez os brasileiros do letárgico materialismo e despertaram-lhes sentimentos patrióticos.”¹⁶

Para os que vivenciaram o conflito na linha de frente e nas cidades através dos jornais, ou que a representaram através de escritos, o evento pode ter tomado um significado de ruptura. Assim pode ter acontecido para os homens que conviveram na época: políticos, homens de letras, artistas, e toda uma geração que se referiu à guerra do Paraguai como um marco de suas vidas.

Nessa perspectiva, a guerra então pode ser vista como um evento em si mesmo e como um acontecimento fundador. O primeiro define a ruptura pelo que ela representa no próprio instante em que é vivida. Nas palavras de Michel Vovelle “[...] no que ela suscita, nas linguagens, no gestual que ela inventa para si – heranças e antecipações misturadas, mas também expressão efêmera, mas não menos significativa por essa razão.”¹⁷ O segundo recorta o evento em termos de início, como ponto de partida, sem passado, mas com a perspectiva de um longo futuro.

Compreender a guerra seria então uma seara de possibilidades, que inclui entender a construção da nacionalidade, a participação regional nessa construção, entender as microrrelações sociais, as instituições que dela tomaram parte, as contradições do Estado nacional brasileiro, o papel dos mais diversos atores sociais: políticos, escritores, militares, trabalhadores envolvidos.

¹⁴ ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. v. 4. Rio de Janeiro. José Olympio. 1949.

¹⁵ BARBOSA, Rui. *Rui Barbosa e o Exército*: Conferência às classe armadas. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949 n/p

¹⁶ VERSEN, Max von. *História da guerra do Paraguai*. São Paulo: EDUSP. 1976, p. 77

¹⁷ VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense. 1987, p. 408

A complexidade maior para quem estuda a historiografia seria então compreender sob que ótica tais atores foram vistos e com que propósito suas histórias foram apropriadas. Nesse aspecto, a grande lição é deixada pelo mestre Michel de Certeau, sobre o lugar social de quem fala.

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam (CERTEAU, 1982, p.57).¹⁸

Tais apropriações demonstram o nível de envolvimento dos pesquisadores e seu comprometimento com aquilo que comumente também chamamos na pesquisa de interesse, em outras palavras aquilo que nos angustia e nos compele para a investigação.

Essa mesma reflexão nos permite ainda tentar compreender as razões que motivaram ao longo de décadas os historiadores em diferentes épocas a buscarem explicar o conflito à luz de uma teoria que presumivelmente acreditavam ser a mais adequada.

A HISTORIOGRAFIA PIAUIENSE E O CONFLITO

No que se refere aos trabalhos escritos em décadas passadas sobre a participação do Piauí na guerra do Paraguai, é possível observar, que tais estudos são referências ricas em fontes documentais. Nessa perspectiva, será plausível a utilização da historiografia piauiense como apoio à investigação proposta por qualquer projeto de pesquisa que pretenda trilhar pelos caminhos do conflito, uma vez que os três pesquisadores¹⁹ que escreveram produções a respeito do assunto em épocas relativamente distintas se utilizaram amplamente dos mais diversos documentos em suas abordagens.

E ainda que a relação destes com o objeto: Piauí na Guerra do Paraguai mostre como se deu em diferentes épocas a construção de uma narrativa sobre um conflito, cuja história é de suma importância para o entendimento da formação do Piauí de meados do século XIX, buscar a compreensão e as razões da participação do Piauí no conflito é bastante significativo, na medida em que possibilita o entendimento das representações, das práticas de poder difundido na época da guerra advindas do governo imperial e provincial, assim como a

¹⁸ CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 57.

¹⁹ Anísio Brito, Odilon Nunes, Joaquim Chaves.

utilização de fontes bibliográficas regionais torna-se de fundamental importância para a compreensão dessas práticas.

Nesses termos, os autores clássicos piauienses também são tomados como fontes documentais, o último historiador que havia produzido um texto sobre o conflito foi Monsenhor Joaquim Chaves, ainda na década de 70 do século XX.²⁰

FRANCISCO AUGUSTO PEREIRA DA COSTA E A CRONOLOGIA HISTÓRICA DA GUERRA DO PARAGUAI

Dentre os autores que a partir do Piauí retrataram a participação da Província na guerra do Paraguai, é possível destacar o trabalho de Francisco Augusto Pereira da Costa²¹ Pernambucano, nasceu no dia 16 de dezembro de 1851 em Recife. Em 1875, aos 24 anos de idade, iniciou pesquisas históricas no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.

Já em 1876 foi eleito sócio correspondente pela mesma instituição. Em 1883, tornou-se sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. No ano de 1884, viajou a Teresina onde assumiu o cargo comissionado da Secretaria da província do Piauí, permanecendo até o ano seguinte. Escreveu dois livros *Notícia Sobre as Comarcas da Província do Piauí e Cronologia Histórica do Estado do Piauí*.

Sua obra de maior relevância sobre o Piauí é *Cronologia Histórica do Estado do Piauí*²², nele o pesquisador traça cronologicamente os fatos mais marcantes da história do Piauí, desde sua origem até fins do século XIX.

A primeira edição desta obra foi escrita em Recife, Pernambuco, no ano de 1909. Publicada sob os auspícios do Estado do Piauí, na primeira edição Pereira da Costa incluiu uma nota sobre o trabalho referente à proposta abordada e o período estudado: "Desde os seus primitivos tempos até a proclamação da República em 1889".

Na obra de Pereira da Costa incluem-se diversas fontes provenientes de muitos lugares, almanaques, anais históricos diversos, quase todos resultado de pesquisas suas realizadas em

²⁰ Desde então o tema somente foi apropriado no ano de 2006 pelo historiador Johny Santana de Araújo como uma pesquisa Doutoral junto à UFF, tendo concluído o texto em 2009 e publicado como livro em 2011, outra pesquisa sobre a guerra também foi desenvolvida pelo historiador Teotônio Oliveira Filho, como trabalho de mestrado orientado pelo Professor Johny Santana de Araújo no Programa de Pós Graduação em História do Brasil da UFPI.

²¹ Ver: BASTOS, Cláudio Albuquerque. Dicionário Histórico e Geográfico do estado do Piauí. Teresina. FCMC. 1994.

²² COSTA, F. A. Pereira da. Cronologia Histórica do Estado do Piauí: Desde os seus tempos primitivos até a proclamação da República. 2ª edição. II volume. Artenova. Rio de Janeiro. 1975.

bibliotecas como a de Belém do Pará, e em São Luís do Maranhão. Houve também preocupação em consultar os chamados dicionários históricos, um gênero literário muito comum em fins do século XIX e início do século XX.

Ensaaios, documentos primários, jornais, memórias, notas e relatórios, também compõem sua pesquisa constituindo um importante acervo para pesquisa histórica. A preocupação de Pereira da Costa foi, sobretudo, registrar cronologicamente os desenlaces do conflito na então Província do Piauí, apreciações sobre a partida das primeiras tropas piauienses à guerra foram uma constante no seu trabalho.

10 de março de 1865. Embarca em Teresina o corpo de guarnição, com destino à campanha do Paraguai, em virtude de ordem terminante do governo imperial para fazer marchar com toda brevidade o referido corpo. Com seu estado efetivo quase completo, isto é, levando 20 oficiais e 310 praças, afora 3 médicos e 1 farmacêutico do corpo de saúde do exército, e sob o comando do coronel Manuel Rolemberg de Almeida, embarcou o corpo da guarnição, conduzindo, reunidamente, os primeiros voluntários da pátria que marcharam do Piauí, em número de 35²³.

Na obra de Pereira da Costa, é possível encontrar, por exemplo, informações sobre o engajamento da jovem Jovita Alves Feitosa como voluntária, sobre a intensa mobilização da sociedade, sobre a constituição e engajamento das tropas da província do Piauí no conflito, assim como informações sobre o regresso dos batalhões piauienses que combateram no Paraguai.

ANÍSIO BRITO E A CONTRIBUIÇÃO DO PIAUÍ À GUERRA DO PARAGUAI

Anísio Brito de Melo nasceu em Piracuruca em 1886, chegou a Teresina, vindo de sua terra natal, no início do século XX. Pretendia tentar a vida na Capital e, ao chegar, encontrou um ambiente de efervescência de ideias e de renovação intelectual, do qual fazia parte intelectuais, como Higino Cunha, Clodoaldo Freitas, Anísio de Abreu e Abdias Neves.

Anísio Brito, apesar da formação em odontologia, tornou-se um destacado autor cuja pesquisa no campo da história política e militar foi sintetizada em vários trabalhos. Sua obra *Contribuição do Piauí à Guerra do Paraguai* constitui-se numa verdadeira raridade, tornou-

²³ Ibid; p. 493.

se documento tanto pelo fato de sua quase indisponibilidade como pelo tempo em que foi escrita em 1931, sem nenhuma reedição.²⁴

Anísio Brito escreveu ainda: *Adesão do Piauí à Confederação do Equador, Independência do Piauí, Os Balaços no Piauí*. Obras em sua maior parte centradas numa perspectiva política. Para esse autor, a guerra do Paraguai teria empolgado sobremaneira os piauienses, atingindo a todos, inclusive os poetas. “É preciso convir que a luta não empolgou somente o espírito dos que marchavam para o campo da honra – inspirou também os nossos poetas populares, [do Piauí] lendo-se nos periódicos da época produções alusivas aos feitos de nosso exército no Paraguai.”²⁵

Segundo Anísio Brito, até o espírito da intelectualidade havia sido tocado em face dos acontecimentos no sul, fazendo com que despertasse nos estudantes piauienses a vontade de servir ao país.

Por toda parte, a guerra, as atrocidades do ditador paraguaio despertavam as energias do povo, confiante nos seus dirigentes. Associada a toda a classe acadêmica, os estudantes piauienses no Recife compareceram ao palácio da presidência, solidarizando-se com o Governo, e oferecendo seus serviços [...].²⁶

Os escritos de Anísio Brito são produções da primeira metade do século XX, o que acaba por enquadrá-lo numa historiografia típica de caráter político, diplomático, militar e positivista, além de enaltecadora. De certa maneira, também pode ser tido como o introdutor do positivismo no Piauí, se levarmos em conta a sua preocupação excessiva com o documento, no que se refere a questões como a “fidelidade”²⁷ e a relevância destes, para a pesquisa.

Sua preocupação em dar o tratamento, a organização, a coleta e a catalogação adequada às fontes, sempre amalhando e compilando documentos, aliado ao seu esmero com elas o levou a dirigir o Arquivo Público do Estado do Piauí, que na atualidade merecidamente leva o seu nome.

A perspectiva da preocupação com a educação e a apropriação da história como um elemento fomentador da nacionalidade o definem indiscutivelmente como um historiador

²⁴ Segundo observação feita pelo Historiador Teotônio Oliveira Filho, quando realizava pesquisa junto ao Arquivo Público do Estado do Piauí, um artigo completo do jornal Diário Oficial, do Estado do Piauí, do ano de 1932, há referências ao texto.

²⁵ BRITO, Anísio. *Contribuição do Piauí a guerra do Paraguai*. Teresina: Ed. [?], 1931, p. 11.

²⁶ Ibid.

²⁷ A fidelidade ou fidedignidade do documento são preocupações caras aos historiadores positivistas.

positivista muito semelhante ao que havia sido Gabriel Monod, e Ernest Lavisse,²⁸ na França do fim do século XIX.

ODILON NUNES E OS APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DO PIAUÍ NA GUERRA DO PARAGUAI

Odilon José Nunes nasceu em Amarante, a 10 de outubro de 1899, e faleceu em Teresina em 22 de agosto de 1989, e, tal como Anísio Brito, foi um historiador de vocação, tornou-se também membro da Academia Piauiense de Letras. Segundo Teresinha Queiroz, Odilon foi “[...] professor e diretor da Escola Normal Oficial do Estado e do Liceu Piauiense, duas tradicionais escolas.”²⁹ Odilon Nunes não tinha formação universitária, mas tinha formação secundarista de professor, segundo Erasmo Celestino, “[...] dedicou-se ao magistério como um sacerdócio, cuja profissão havia abraçado por toda a vida.”³⁰

Odilon Nunes foi autor de: *O Piauí na História; Súmula de História do Piauí; Pesquisas para a História do Piauí*, (4 volumes); *Apontamentos Históricos; Piauí Colonial; Geografia e História do Piauí; Os Primeiros Currais; Devassamento e Conquista do Piauí; O Piauí: seu Povoamento e seu Desenvolvimento; Estudos da História do Piauí; A Origem das Fazendas Estaduais; Domingos Jorge Velho e o Assentamento das Bases Econômicas do Piauí; Um Desafio da Historiografia do Brasil e Raízes do Terceiro Mundo*.

Segundo o historiador Antonio Fonseca Neto, Odilon pode ser compreendido como um

Apaixonado pela historiografia, dedicou-se com afincos e denodo à pesquisa histórica, legando uma obra de repercussão nacional. Foi sempre, na medida do possível, às fontes primárias, elucidando passagens até então obscuras de nossa história. Era um pesquisador criterioso, um analista profundo, um sábio exegeta que sabia prestigiar a fonte documental cotejando-a com outros dados de pesquisa. Por essa razão, sua obra é altamente credenciada e um divisor de águas na historiografia piauiense (FONSECA NETO, 2009).³¹

²⁸ Os dois Historiadores franceses acreditavam na história como uma disciplina formadora de uma consciência nacional, para tanto elaboraram os chamados manuais escolares, que narrava uma história da França repleta de heróis.

²⁹ QUEIROZ, Teresinha. Odilon Nunes: história e erudição. In: NUNES, Odilon. Pesquisas para a história do Piauí. Vol. I. Teresina: FUNDAPI/Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007.

³⁰ CELESTINO, Erasmo. Odilon Nunes: historiador e educador. Teresina: Instituto Dom Barreto, 1996.

³¹ FONSECA NETO, Antônio. Odilon, cem anos de presença. In: Revista Presença. N.º 44. Teresina: 2009.

A produção historiográfica de Odilon Nunes sobre o conflito com o Paraguai encontra-se dispersa em vários estudos, mas a partir de dois trabalhos em especial: *O Piauí na História e Pesquisas para a história do Piauí*, é possível encontrar dois artigos sobre o tema.

No capítulo VI de *Pesquisas para a história do Piauí*, encontramos o texto “*A guerra do Paraguai*” onde se pode observar um trabalho ainda carregado de paixões, porém substancialmente mais analítico, escrito durante a década de 80 do século XX, em pleno período de predomínio da historiografia revisionista.

Odilon procura explicar a participação do Piauí na Guerra do Paraguai de forma muito retórica, ao referir-se, por exemplo, a dois políticos do Piauí que tiveram destacada participação no contexto do conflito, atuando nos gabinetes ministeriais,³² e aos soldados piauienses que foram à guerra. Segundo Odilon,

Foram esses os nossos heróis que assomam nos anais brasileiros. Eles são bem dignos de monumentos em nossa terra. Não nos esqueçamos, entretanto, dos três mil e tantos piauienses que acudiram ao primeiro chamado, e partiram para a campanha longínqua, donde poucos regressariam a seus lares.³³

No entanto, para se tomar essa análise é necessário entender de igual forma o contexto histórico quando seus trabalhos foram escritos, Odilon de alguma maneira continuou o trabalho de Anísio Brito, se tomarmos a perspectiva de sua preocupação com a verdade histórica e a construção de uma história enaltecida dos valores da “pátria” carregada de simbologia e exaltação.

O PIAUÍ NA GUERRA DO PARAGUAI: UMA VISÃO A PARTIR DE MONSENHOR JOAQUIM CHAVES

Joaquim Raimundo Ferreira Chaves, popularmente conhecido como Monsenhor Chaves, nasceu em Campo Maior, Piauí, em 9 de março de 1913, faleceu em Teresina em 8 de maio de 2007, foi sacerdote, educador, teólogo, escritor, biógrafo e historiador.

³² O conselheiro Francisco José Furtado e o João da Cunha Lustosa Paranaguá, o primeiro foi chefe do Gabinete ministerial em que foi criado o decreto 3.371, dos voluntários da pátria e o segundo Ministro da guerra do gabinete ministerial de Zacarias de Góes e Vasconcelos.

³³ NUNES, Odilon. A guerra do Paraguai. In: NUNES, Odilon. *Pesquisa para a história do Piauí*. 2ª Ed. Teresina: Artenova, vol. IV.1972. p. 217.

Monsenhor Joaquim Chaves de fato era Licenciado em Filosofia, possuindo cursos de Teologia, Escritura Sagrada e Direito Canônico, foi autor de: *Teresina, Subsídios para a História do Piauí; O Índio no Solo Piauiense; Campo Maior – Lutas pela Independência* (Batalha do Jenipapo); *A Escravidão no Piauí; O Piauí na Guerra do Paraguai; O Piauí nas Lutas da Independência e Como Nasceu Teresina*.

Joaquim Chaves tem como principal suporte de investigação diferentes tipos de fontes que incluem desde documentos primários, livros, jornais, artigos e almanaques. Sobre a participação do Piauí na guerra do Paraguai, suas principais referências estão embasadas em jornais do período, como *A Imprensa, A Pátria, Liga e Progresso, O Amigo do Povo, O Piauí*, além de diversas fontes primárias que incluem avulsos e códices.

Sua escrita procura nos levar ao contexto da guerra desde os primeiros momentos da hostilidade perpetrada pelo governo do Marechal Solano, com o aprisionamento do navio Marquês de Olinda até a resposta brasileira com a declaração de guerra.

Em sua pesquisa, Chaves procurou registrar ainda sobre os decretos formulados no decorrer da guerra para a arregimentação das tropas, sobre os atos da presidência da província e nos mostra os primeiros corpos arregimentados que seguiram para a guerra.

Procurou ainda relatar os problemas ocorridos na arregimentação dos combatentes, indicando nomes e patentes dos piauienses que seguiram para os campos de batalha, muito preocupado inclusive em rastrear através dos documentos os locais onde os soldados da província combatiam, tomando como referência os três batalhões da província que seguiram para a guerra.

Localizar os piauienses nos campos avançados de treinamento do Exército é tarefa impossível, pois à proporção que se formavam para adestramento seguiam para as linhas de frente, onde morreram, aos milhares, de ferimentos recebidos na luta e também de doenças ali contraídas. Combateram em todas as frentes, começando pelos campos de Uruguiana invadidos pelo inimigo, até a campanha das Cordilheiras³⁴.

Joaquim Chaves também é autor dos cadernos históricos, trabalho em que procurou sintetizar diversos aspectos da história do Piauí. No entanto, em seu caderno número 4, dedicou-se exclusivamente a investigar sobre a participação do Piauí no conflito. Autor de características positivistas, consciente ou inconsciente disso, afirma em seu trabalho que:

³⁴ CHAVES, Monsenhor. *Obra Completa*. Prefácio de Teresinha Queirós. Teresina. FCMC. 1998. p. 227.

“Como já devem ter notado, nos meus Cadernos históricos eu prefiro sempre que falem os documentos.”³⁵

Assim, é possível observar que em sua narrativa prevalece a ideia da verdade dos fatos. Sua produção caracteriza-se pela disponibilização completa do corpo documental, cujas páginas de um jornal ou de ofício, por exemplo, são transcritos integralmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos mostrar as diferentes perspectivas desenvolvidas pelos historiadores piauienses ao longo do século XX, os quais tomaram como principal aporte teórico o positivismo e atentaram, indistintamente, para o processo histórico sobre a Guerra do Paraguai e tentaram de alguma forma inserir o Piauí no cenário histórico de construção do Estado Nacional Brasileiro e ao fazerem isso deram uma importante contribuição para a construção de uma historiografia local e regional sobre o conflito.

Desse modo, podemos observar que o debate historiográfico sobre o tema também ainda é bastante recorrente e muito necessário no âmbito regional nos dias atuais. Do passado, historiadores como Anísio Brito, Odilon Nunes e Monsenhor Joaquim Chaves nos servem hoje de referência para a tentativa de reconstruir o conflito através de um diálogo mais profundo com as novas teorias e novos métodos, relendo, reinterpretando as vozes contidas nas fontes, ressaltamos que muitas delas nos chegam como fruto dos apontamentos deixados pelos eméritos historiadores piauienses.

A Guerra do Paraguai, depois de um século e meio, continuará sempre a inquietar a nós, os historiadores e acreditamos muito em uma ideia, a de não buscar o empirismo em si mesmo. Nos dias atuais, o mais importante é lembrar que os debates em torno da Guerra do Paraguai, a partir de novos afluxos, podem nos possibilitar abrir novos campos de análise, o que de certa maneira motivará os novos pesquisadores a outros tantos debates a respeito do tema no Piauí e para além-fronteiras.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. S. **A nação em armas**: Os corpos de voluntários da pátria do Maranhão na guerra do Paraguai. 1865 – 1870. Rio de Janeiro: Sotese. 2005.

³⁵ CHAVES, Joaquim. O Piauí na guerra do *Paraguai*. *Cadernos Históricos* n° 4. Teresina: Academia Piauiense de Letras. 1971, p. 10.

ARAÚJO, J. S. de; LIMA, F. O. A. (Orgs.) **História: entre fontes, metodologias e pesquisa**. Teresina, PI: EDUFPI; Imperatriz, MA: Ética, 2011.

BARBOSA, R.. **Rui Barbosa e o Exército: Conferencia as classes armadas**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949.

BRITO, A. **Contribuição do Piauí à guerra do Paraguai**. Teresina: Ed. [?], 1931

CARVALHO, J. M. de. Brasileiros, Uni-vos In: **Pontos e bordados**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CELESTINO, E. **Odilon Nunes: historiador e educador**. Teresina: Instituto Dom Barreto, 1996.

CERTEAU, M. de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERQUEIRA, D. **Reminiscências da Campanha do Paraguai (1865-1870)**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

CHAVES, M. **Obra Completa**. Prefácio de Teresinha Queirós. Teresina. FCMC. 1998.

CHAVES, J. **O Piauí na guerra do Paraguai**. *Cadernos Históricos n° 4*. Teresina: Academia Piauiense de Letras. 1971.

CHIAVENATTO, J. J. **Genocídio Americano: A guerra do Paraguai**. 23 ed., São Paulo: Brasiliense, 1998;

COSTA, F. A. P. da. **Cronologia Histórica do Estado do Piauí: Desde os seus tempos primitivos até a proclamação da República**. 2ª edição. II volume. Artenova. Rio de Janeiro. 1975.

DORATIOTO, F. F. M. **O Conflito do Paraguai: A grande guerra do Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

DORATIOTO, F. F. M. **Maldita Guerra: Nova História Da Guerra Do Paraguai**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2002.

FONSECA NETO, A. **Odilon, cem anos de presença**. In: Revista Presença. N.º 44. Teresina: 2009.

FRAGOSO, A. T. **História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai**. 2 ed., Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1956, v. 1-5

IZECKSOHN, V. **O cerne da discórdia: a Guerra do Paraguai e o núcleo profissional do Exército**. Rio de Janeiro: E-papers, 2002.

NABUCO, J. **Um estadista do Império**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

NUNES, O. **A guerra do Paraguai**. In: NUNES, Odilon. *Pesquisa para a história do Piauí*. 2ª Ed. Teresina: Artenova, vol. IV.1972

POMER, L. **A Guerra do Paraguai**. A grande tragédia rioplatense, São Paulo: Global., 1980.

QUEIROZ, T. **Odilon Nunes: história e erudição**. In: NUNES, Odilon. Pesquisas para a história do Piauí. Vol. I. Teresina: FUNDAPI/Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007.

ROMERO, S. **História da literatura brasileira**. v. 4. Rio de Janeiro. José Olympio. 1949.

SALLES, R. **Escravidão e Cidadania na Guerra do Paraguai**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

SOUSA, J. P. de. **Escravidão ou Morte**: os escravos brasileiros na guerra do Paraguai. Rio de Janeiro. Mauad. ADESA. 1996.

TAUNAY, A. D. **Memórias**. São Paulo: Edições Melhoramento, 1946.

VERSEN, M. von. **História da guerra do Paraguai**. São Paulo: EDUSP. 1976

VOVELLE, M. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense. 1987